

ALMANAQUE SABERES DO CAMPO



SUBPROJETO HUMANAS 2
PIBID DIVERSIDADE DA UFVJM
ALMENARA / MG

Organizadores:
Luiz Otávio Costa Marques
Fabiane Rodrigues Ferraz
Vanúbia Monteiro Carvalho



ALMANAQUE SABERES DO CAMPO



SUBPROJETO HUMANAS 2
PIBID DIVERSIDADE DA UFRVJM
ALMENARA / MG

Organizadores:
Luiz Otávio Costa Marques
Fabiane Rodrigues Ferraz
Vanúbia Monteiro Carvalho

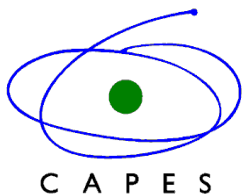
Ficha Catalográfica - Serviço de Bibliotecas/UFVJM
Bibliotecário Anderson César de Oliveira Silva, CRB6 - 2618.

A445 Almanaque Saberes do Campo / Organizadores, Luiz Otávio Costa Marques, Fabiane Rodrigues Ferraz, Vanúbia Monteiro Carvalho. – Diamantina: UFVJM, 2013.
48p. : il. - (Coleção Subprojeto Humanas, 2)

1. PIBID Diversidade. 2. Educação do Campo. 3. Vale do Jequitinhonha. 4. material didático-pedagógico. 5. formação de professores
I. Marques, Luiz Otávio Costa. II. Ferraz, Fabiane Rodrigues. III. Carvalho, Vanúbia Monteiro. IV. Título. V. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Faculdade Interdisciplinar em Humanidades. VI. Série.

CDD 370.9

Elaborado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).



EQUIPE DO SUBPROJETO HUMANAS 2 PIBID DIVERSIDADE DA UFVJM ALMENARA / MG



Paulo Afrânio Sant'Anna

É professor adjunto do Bacharelado em Humanidades da UFVJM. Foi coordenador *pro tempore* do Bacharelado e Humanidades da UFMG. É avaliador institucional e de curso do SINAES, líder do grupo de pesquisa Educar no Vale e coordena a Licenciatura em Educação para o Campo - PROCAMPO - UFVJM. Faz parte do corpo docente permanente do mestrado profissional em ensino em saúde da UFVJM.



Luiz Otávio Costa Marques

Professor do Bacharelado em Humanidades da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri desde 2009. Graduado e mestre em Estudos Linguísticos e Literários em inglês pela Universidade de São Paulo (USP). Suas pesquisas acadêmicas voltam-se para o ensino/aprendizagem de língua estrangeira. Desenvolveu programas de formação de professores e participou da elaboração de material didático - pedagógico de língua Inglesa do Programa Pró - Universitário, promovido pelo governo do Estado de São Paulo em parceria com a Universidade de São Paulo (USP).



Fabiane Rodrigues Ferraz

Filha de trabalhadores rurais, residente em Almenera - MG, graduada em normal superior pela UNIMONTES e Pós - graduada em Educação do Campo. Professora supervisora do projeto PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência em Almenera na Escola Boa Sorte I na Comunidade Stª Luzia.



Vanúbia Monteiro de Carvalho

Filha de agricultores familiares, graduada em Letras pela Universidade de Itaúna-MG e residente em Almenera-MG. Professora de Língua Portuguesa e Espanhol da Escola Municipal Boa Sorte 2 e professora supervisora do Subprojeto PIBID Almenera.



Roberto de Souza Penha

Filho de trabalhadores rurais aposentados, graduando do Curso PROCAMPO - Programa de Educação do Campo pela UFVJM, residente na cidade de Divisópolis - MG, bolsista do PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência em Almenera na Escola Boa Sorte II na Comunidade do Paraguai.



Uilha Martins Pereira

Filho de agricultor familiar, educador formal, técnico em agropecuária, formado na Escola Família Agrícola de Itaobim - MG, acadêmico da UFVJM - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri no curso de Licenciatura em Educação do Campo, bolsista do PIBID Diversidade de Almenera - MG, é defensor da preservação das práticas culturais do campo.



Juliana Fernandes Lima

Educadora na Escola Municipal Boa Sorte II com Disciplinas de História e Geografia. Pedagoga pela Universidades Norte do Paraná - UNOPAR, Licencianda em Educação do Campo pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, estudante bolsista do PIBID - Diversidade de Almenera - MG, desenvolve trabalhos educacionais na Escola Municipal Boa Sorte II.



Sinará Ferreira Porto

Nascida em Divisópolis - MG, é monitora da rede municipal de educação de Divisópolis. Graduada em Administração pela UNOPAR e aluna de Linguagens e Códigos da Licenciatura em Educação do Campo da UFVJM.



Alcione Gomes de Oliveira

Nascida em Palmópolis - MG, professora da rede municipal de Almenera. Graduada em Pedagogia e graduanda em Ciências da Natureza da Licenciatura em Educação do Campo da UFVJM.



Edivaldo Ferreira Lopes

Filho de família camponesa, nascido e criado na zona rural e atualmente residindo na cidade de Almenera - MG, no Baixo Jequitinhonha. Estudante do Curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências Humanas e Sociais e Ciências da Natureza e Matemática - PROCAMPO/UFVJM. Bolsista do PIBID Diversidade. Educador Social da CPT (Comissão Pastoral da Terra/MG) com atuação no Vale do Jequitinhonha e Membro da Comissão Diocesana de Direitos Humanos - Diocese de Almenera/MG.



Anilton Pinheiro Damasceno

Agricultor familiar, natural de Jordânia - MG, Baixo Jequitinhonha, acadêmico na Licenciatura em Educação do Campo - PROCAMPO - UFVJM, bolsista da PIBID Diversidade na E. M. Boa Sorte II em Almenera - MG.

ALMANAQUE SABERES DO CAMPO

SUBPROJETO HUMANAS 2

PIBID DIVERSIDADE DA UFVJM

ALMENARA / MG

COORDENADOR INSTITUCIONAL DO PIBID DIVERSIDADE DA UFVJM

Paulo Afrânio Sant'Anna

COORDENADOR DO SUBPROJETO HUMANAS 2 DO PIBID DIVERSIDADE ALMENARA /MG

Luiz Otávio Costa Marques

PROFESSORA SUPERVISORA PIBID DA ESCOLA MUNICIPAL BOA SORTE 1

Fabiane Rodrigues Ferraz

PROFESSORA SUPERVISORA PIBID DA ESCOLA MUNICIPAL BOA SORTE 2

Vanúbia Monteiro Carvalho

ALUNOS BOLSISTAS PIBID DA ESCOLA MUNICIPAL BOA SORTE 1

Alcione Gomes de Oliveira

Edivaldo Ferreira Lopes

Sinara Ferreira Porto

ALUNOS BOLSISTAS PIBID DA ESCOLA MUNICIPAL BOA SORTE 2

Anilton Pinheiro Damasceno

Juliana Fernandes Lima

Roberto de Souza Penha

Uilha Martins Pereira

ORGANIZAÇÃO DO ALMANAQUE

Luiz Otávio Costa Marques

Fabiane Rodrigues Ferraz

Vanúbia Monteiro Carvalho

DESIGN:

Luiz Otávio Costa Marques

Roberto de Souza Penha

BLOG DO PROJETO :

<http://pibidufvjm.webnode.com>

APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que apresentamos este almanaque. Ele é fruto das ações do subprojeto Humanas 2 do PIBID Diversidade da UFVJM. O PIBID (Programa Institucional de Iniciação à Docência), como veremos mais adiante, é um programa da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) do governo federal que oferece bolsas de estudo a estudantes de cursos de licenciatura plena para que estes exerçam atividades pedagógicas de caráter inovador em escolas públicas de ensino básico.

O subprojeto Humanas 2 iniciou-se em janeiro de 2012 nas escolas municipais do campo Boa Sorte 1 e Boa Sorte 2 no município de Almenara /MG, situado no Médio Jequitinhonha, região de baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) ao norte do estado de Minas Gerais. Nas ações previstas, são focalizados três eixos transversais — trabalho e consumo, saúde e pluralidade cultural — relacionados aos conteúdos programáticos do 6º ao 9º anos, em especial àqueles relacionados às áreas de linguagens e códigos (leitura e escrita), ciências e história do ensino fundamental.

Para a realização dessas ações, as escolas selecionadas contam com uma equipe formada por um professor coordenador da UFVJM e duas professoras supervisoras do município em questão, que orientam sete alunos bolsistas de iniciação à docência, regularmente matriculados no curso de Licenciatura Interdisciplinar de Educação do Campo – PROCAMPO / UFVJM. Além da capacitação docente das professoras supervisoras e alunos bolsistas envolvidos, o subprojeto prevê a elaboração de relatórios e diagnósticos institucionais, o mapeamento do patrimônio cultural da região, o desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas em sala de aula, a divulgação de suas ações em eventos acadêmico-científicos e a elaboração e publicação de material didático-pedagógico para alunos e professores do campo da região e público interessado em geral.

Portanto, este almanaque já é a concretização de um dos objetivos do subprojeto. Desde o momento em que começamos a pensar em uma publicação, o nosso objetivo não era produzir um texto técnico-acadêmico, mas contar, de forma diferente, simples e prazerosa, a nossa trajetória e as experiências mais marcantes neste primeiro ano de realização de atividades nas escolas. Daí a escolha do gênero almanaque, que traz em sua composição uma multiplicidade de textos de diferentes formatos. Neste almanaque, tentamos trazer vivências, lembranças, sabores, sentimentos e emoções daqueles envolvidos direta ou indiretamente no subprojeto. Todos esses saberes locais foram traduzidos no formato de depoimentos, fotos, poesias, receitas culinárias, remédios, “causos”, caça-palavras, etc. Ressaltamos que, apesar de ter sido organizado pela equipe do subprojeto Humanas 2, este almanaque é um fazer coletivo, escrito por muitas mãos. Nele, encontramos as vozes das professoras das escolas, serviços, alunos, pais de alunos e pessoas que vivem ou já viveram nas comunidades circunvizinhas às escolas.

Assim, agradecemos a todos esses colaboradores cuja ajuda foi fundamental na elaboração deste material, às professoras Suely Almeida Porto Miranda, coordenadora do Centro de Formação de Professores de Almenara, e Tania Celes Rocha, supervisora das escolas do campo de Almenara, pelo apoio incessante ao subprojeto, ao Professor Paulo Afrânio Sant’Anna, coordenador institucional do PIBID Diversidade da UFVJM, pela competente condução e operacionalização do projeto institucional, à UFVJM, pela parceria nesse projeto e, finalmente, à CAPES, que está possibilitando a realização de um sonho: a valorização do magistério e a melhoria da educação básica na escola pública brasileira

A todos, uma boa leitura!

Luiz Otávio Costa Marques

Coordenador do Subprojeto Humanas 2 do PIBID Diversidade e Professor da UFVJM

PIBID DIVERSIDADE DA UFVJM: ESCOLAS DO CAMPO DO VALE DO JEQUITINHONHA E NORTE DE MINAS

O PIBID promove uma nova lógica formativa para os futuros professores. Com a inserção do licenciando no contexto escolar, é possível deslocá-lo do distanciamento intelectual e cientificista que muitas vezes caracteriza a formação acadêmica para a uma posição epistemológica diferenciada, apoiada no método participativo de construção de conhecimento. O processo de aprendizagem ocorre não só por meio das teorias, mas passa a incluir as diferentes realidades educacionais que se tornarão objeto de reflexão, teorização e proposições.

Nesse contexto, a escola de ensino básico torna-se um agente importante na formação de professores. A figura do supervisor na escola possibilita a transmissão de saberes pedagógicos construídos na prática cotidiana que não são contemplados nas disciplinas acadêmicas. Esses saberes, verdadeiros patrimônios culturais, ao serem compilados e sistematizados, podem dar origem a novas práticas pedagógicas enraizadas na diversidade do fazer escolar.

A lógica da formação de educadores do campo se alinha a essa perspectiva educativa, uma vez que ao adotar o regime de alternância, pressupõe um processo contínuo de contextualização do conhecimento e do fortalecimento da comunidade escolar. No caso da escola do campo, ela tem um papel importantíssimo na manutenção das comunidades campesinas, pois é entorno dela que frequentemente a comunidade se organiza.

O PIBID - Diversidade da UFVJM contempla 30 alunos da Licenciatura em Educação do Campo. Teve início em janeiro de 2012 com a implementação de 4 projetos em 8 escolas de ensino fundamental localizadas na zona rural de 8 municípios do Vale de Jequitinhonha e norte de Minas. O conjunto das escolas é composto por 4 escolas municipais (Montes Claros, Vargem Grande e 2 em Almenara), 2 estaduais (Itamarandiba e Araçuaí) e 2 EFAs (Virgem da Lapa e Veredinha).

O projeto teve início com a seleção das escolas e o estabelecimento de parcerias, a seleção pública dos professores supervisores e a capacitação dos alunos e supervisores nas metodologias previstas nos projetos. Priorizando uma perspectiva de pesquisa-ação, foi realizado o mapeamento das comunidades atendidas e a sensibilização das mesmas para a participação das atividades dos projetos. No momento atual, iniciam-se as intervenções e a produção de material didático.

Paulo Afranio Sant'Anna

Coordenador Institucional do PIBID Diversidade e Professor da UFVJM

Breve Histórico do Município de Almenara / MG

Edivaldo Ferreira Lopes

Aluno bolsita PIBID

Segundo (LOBO 2003), com exceção dos indígenas que já residiam na região há séculos, os primeiros moradores deste município, provavelmente, chegaram aqui no início do século XIX, quando o Alferes Julião Fernandes Leão instalou um Posto de Vigilância (Quartel de Vigia), que era um dos postos avançados da Sétima Divisão Militar de São Miguel (Quartel de São Miguel), atualmente, cidade de Jequitinhonha. O Quartel de São Miguel instalado em Jequitinhonha foi fruto da chamada “Guerra Justa”, declarada em 1808 pela Coroa Portuguesa contra os temidos índios, considerados pelos europeus um problema, pois eram bravos e resistiam à invasão e à exploração desse território coberto por uma vasta mata atlântica. A partir de então, iniciou-se o combate às tribos indígenas. Soldados limparam a área à mão armada e massacraram os índios.

A cidade está situada às margens do rio Jequitinhonha entre o Morro do Bruno e a Pedra do Cruzeiro. Eram terras de índios Boruns, também chamados Botocudos, pertencentes à Nação Cracmum ou Craquimó. Segundo Lobo (2003), quando os colonizadores chegaram aqui, assentaram-se pela primeira vez no Forte da Vigia em 1811.



Antiga travessia de balsa em Almenara, s/d.
fonte: jairoluz02.blogspot.com

A denominação de Vigia, primeiro nome desse lugar, hoje Almenara, é devida ao Posto de Vigilância instalado à margem esquerda do rio Jequitinhonha. Mais tarde, passou a ser conhecido como São João do Vigia. O Distrito com a denominação de Vigia foi criado pela lei provincial nº 3442 de 26/09/1887 e pela lei estadual nº 2 de 14/09/1891 e pertencia ao município de São Miguel do Jequitinhonha.

O Distrito de Vigia foi elevado à categoria de município em 12 de janeiro de 1938 pela lei estadual nº 58, com a denominação de Vigia e instalado em 06 de março de 1938. Na época, Vigia era constituído da sede e 06 distritos: Bandeira, Jacinto, Palestina (atualmente Jordânia), Pedra Grande, Rubim e Salto Grande (atualmente Salto da Divisa), todos desmembrados do Jequitinhonha. O município passou a se denominar Almenara em 1943 pelo Decreto-Lei Estadual nº 1058 de 31/12/1943.

O desenvolvimento de Almenara se deve principalmente ao rio Jequitinhonha e à fertilidade da terra. O rio Jequitinhonha era um dos principais meios de transporte da região do fim do século XIX e até meados do século seguinte. Canoeiros em um intenso tráfego entre Araçuaí e Belmonte na Bahia levavam da região produtos agrícolas e traziam de Belmonte (Bahia) produtos como querosene, sal, ferramentas etc. Conforme LOBO (2003, p. 54), “era através da navegação em canoas no rio Jequitinhonha que toda região era abastecida de sal, querosene, cimento e artigos finos, que vinham de Belmonte”.

Nessa época, a região produzia quase tudo que precisava, impulsionada pela fertilidade da terra, que era coberta por uma densa mata atlântica que ia sendo devastada a ferro e fogo para o plantio de produtos agrícolas e logo depois para a criação de gado, uma vez que, após a extinção da mata, brotava do chão fértil o capim colônião.

Além de Hermano de Souza e João Cabacinha, muitos outros latifundiários marcaram a história da ocupação da terra em Almenara. Pode-se ainda citar Major Firmiano, Darwin Cordeiro, Amâncio Ferreira Lopes, Luis Lacerda, João Lagoa, Pacífico, Cassula, Abílio Antunes Luz e outros.

Mas a ocupação da terra não se deu só por grandes proprietários. Há relatos e escritos afirmando que essa região já era habitada por camponeses quando os grandes fazendeiros chegaram a Almenara. Nessas terras, já existiam descendentes de índios, quilombolas e trabalhadores posseiros. Por ser uma região de terras férteis e propícia para agricultura, muitos trabalhadores habitavam por aqui, vindos de outras regiões, principalmente do sul da Bahia.

Embora a ocupação da terra tenha ficado marcada pela fazenda, isso não significou ausência de pequenas explorações rurais e áreas de agricultura familiar. Elas existiram, apenas permaneceram sombreadas pela fazenda. Segundo Ribeiro, 2003, p. 2), “a pequena exploração deslocou-se pela região, perseguindo mais a fertilidade do que a propriedade da terra, porque seu regime de exploração da terra nunca — ou muito raramente — se transformava num sistema de apropriação fundiária”.



Vista parcial de Almenara, s/d.
Fonte: cangalhanet.blogspot.com



Mercado de Almenara, s/d.
Fonte: jairoluz02.blogspot.com



Coral das Lavadeiras e Carlos Farias,
foto: Marcelo Oliveira

Referências:

LOBO, Sebastião. **Na Boca do Lobo:** Crônicas Publicadas no Jornal Vigia do Vale. Almenara: Imprensa Oficial-Mina Gerais, 2003.

RIBEIRO, Eduardo Magalhães. **Agregação e Poder Rural nas Fazendas do Baixo Jequitinhonha Mineiro.** Revista Unimontes Científica V.5.N2. jul/dez. Unimontes, Montes Claros, MG, 2003. In: <http://www.unimontes.br/unimontescientifica>. Acesso em: 16/03/2011

RIBEIRO, Eduardo Magalhães. **Lembranças do Mucuri e Jequitinhonha.** Contagem: Cedefes, 1996.

Aspectos Geográficos, Econômicos e Demográficos do Município de Almenara / MG

Edivaldo Ferreira Lopes

Aluno bolsista PIBID

Almenara possui uma área territorial de 2.294,420 km² com 38.775 habitantes, sendo 31.747 habitantes na área urbana e 7.028 na zona rural. Analisando por questões de gênero, 19.534 são homens e 19.241 são mulheres. A maioria da população é de cor/raça parda, somando 23.744; em segundo, os de cor/raça branca, totalizando 11.073, em seguida, 3.437 pessoas são de cor/raça negra. Em 2000, a taxa de analfabetismo era de 30,7%. Em 2010, a taxa de analfabetismo da população de 15 anos ou mais de idade era de 21,8 %; sendo que 78,2% da população era alfabetizada, totalizando 28.216 pessoas. Pessoas de cor negra com 60 anos ou mais de idade que não sabiam ler e escrever era de 80,6%. Já o número de pessoas brancas de 60 anos ou mais que não sabiam ler e escrever era de 43,6 %. (Censo IBGE 2010).



O município apresenta a seguinte topografia/relevo: 20% do terreno é plano, 40% ondulado e 40% montanhoso, com cobertura vegetal com matas e capoeiras, sendo a maioria em pastagem (colonião, braquiária e meloso). Possui os seguintes tipos de solos: areno-argilosos e argilosos. O município é banhado pelo rio Jequitinhonha e os seus principais afluentes: São Francisco (São Francisquinho), Córrego do Vigia, Córrego Rubim do Norte, Rio Panela e Córrego Água Bela. Atualmente, seus principais recursos minerais em exploração são grafite e granito.

A sede do município está a 190 m de altitude e com temperatura média anual de 24° C; máxima anual de 40° C; mínima anual de 18° C e índice pluviométrico de 1000 mm com distribuição bastante irregular.

As principais atividades produtivas do município são: agropecuária, serviços, comércio e indústria. Os principais empregadores são: comércio, agropecuária, prefeitura e empresas construtoras e prestadoras de serviços. Destaca-se nos últimos anos um crescimento significativo na construção civil.

Referências:

BRASIL. IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censo Demográfico 2010**: Características da População e dos Domicílios. In: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat>. Acesso em 07/04/2012.

_____. IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censo Agropecuário 2006**. In: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat>. Acesso em 05/04/2012.

_____. IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Histórico do Município de Almenara**. In: http://www.ibge.gov.br/cidadesat/historicos_cidades. Acesso em 29/03/2012.

ESCOLA MUNICIPAL DO CAMPO BOA SORTE 1

Fabiane Rodrigues Ferraz

Professora supervisora PIBID

Alcione Gomes de Oliveira, Edivaldo Ferreira Lopes, Sinara Ferreira Lopes

Alunos bolsistas PIBID



Escola Boa Sorte I, 16/04/2012
Foto: Edivaldo Ferreira Lopes

A Escola Municipal Boa Sorte I está localizada a 30 km da sede do município, na Comunidade Santa Luzia, à margem direita na BR de Almenara a Mata Verde. Atende estudantes do ensino fundamental do 1º ao 5º anos e estudantes dos anos finais do ensino fundamental, 6º ao 9º anos, oriundos das comunidades rurais de Umburana, Assentamento Nova Conquista, Santa Luzia, Barro Branco, Chicote, Boa Vista, Córrego Direito, Morcego e Jenipapo.

Histórico da fundação da escola

A história da escola foi iniciada em 1973 por iniciativa de Neusa Gondinho Silva, moradora da comunidade, que, na época, disse aos pais que estaria disposta a lecionar. Sua proposta foi aceita e como forma de contribuição pelo seu trabalho de professora leiga, recebia dos pais dinheiro e produtos agrícolas. Na época, os estudantes que frequentavam as aulas tinham entre 12 a 15 anos de idade.



As aulas iniciaram-se na casa da mesma e, em 1974, passou a funcionar na Lapinha da comunidade, onde ficou funcionando durante três anos, passando a funcionar em prédio construído pela prefeitura municipal em terreno doado pelo comunitário Sr. Isidoro Alves Meira. Neusa Gondinho Silva lecionou até 1994, não podendo continuar porque não tinha habilitação exigida pela legislação para exercer tal função, passando a ser funcionária em serviços gerais.

Em 1994, a escola foi regulamentada pela Portaria CCE nº 754/94 para atendimento aos estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, ou seja, do 1º ao 5º anos e, em 2002, regulamentada pela Portaria CEE nº 1628/2002, para atendimento aos estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, do 6º ao 9º anos.

Referências:

Prefeitura Municipal de Almenara. Secretaria Municipal de Educação. **Projeto Político Pedagógico das Escolas do Campo**. Almenara: 2010.

Prefeitura Municipal de Almenara. Secretaria Municipal de Educação. **Regimento Escolar - Escolas do Campo**. Almenara: 2010.

Este texto contém contribuições da Sra. Neusa Gondinho, moradora da comunidade e primeira professora da escola e atual funcionária. As informações foram obtidas por meio de entrevistas realizadas em 2012, exclusivamente para este trabalho.

Fatos Históricos e Caracterização das Comunidades do Entorno da Escola Boa Sorte 1

Edivaldo Ferreira Lopes

Aluno bolsista PIBID

A ocupação da região do Panela, local onde estão as comunidades Umburana, Assentamento Nova Conquista, Santa Luzia, Barro Branco, Chicote, Boa Vista, Córrego Direito, Morcego e Jenipapo, é semelhante à ocupação regional (baixo Jequitinhonha) que teve início por volta de 1830 a 1900. Os primeiros moradores da região vieram da Bahia, região da caatinga, em busca de terras férteis e descansadas para implantarem suas roças para o sustento da família, como relata Sr. Isidoro, morador da região:

(...) A mata, a mata, era porque tinha mato, tinha mato, tinha as catinga, meu pai era catingueiro (...) agora o pessoal de lá vinha pra cá, dizia assim: vamo embora pra mata, vamo embora pra mata, porque aqui tinha água e tinha mata e na catinga não (Isidoro Alves Meira, 12/11/2012).

Em entrevistas com moradores mais velhos da região, alguns deles relataram fatos que indicam as prováveis datas acima citadas.

(...) Ah moço, aquilo foi de meu bisavô... quando foi a fundação da comunidade lá, mandou mim pringuntar quantos anos e eu falei ó, foi do meu bisavô, meu bisavô passô pá meu avô, o meu avô passô pá meu pai e morreu tudo de véi, agora pra mim eu falo que tem mais de cem ano, aí botô na comunidade cem (Sinésio Bartolomeu de Sousa, 14/11/2012).

Nascido e criado na comunidade Santa Luzia, onde também residiu até pouco tempo, com 77 anos, seu Sinésio tem lembranças do passado da comunidade e relata com muito entusiasmo, relatando sobre as festas, as folias de reis, a reza do terço, os moradores antigos, o comércio de produtos agrícolas em Vigia, transportados por tropas e as práticas solidárias da comunidade:

“(...) a festa, a gente fazia tudo de quanto era festa... lá naquela região nossa, meu pessoal, meu pai, Bastião, Tiago, Zaias, Donério, Josino catingueiro (...) Quelementim, meu pai (...) Tenô que morreu aqui esses dias, foi morador lá na cabicera do Lima, o véi Dezim e mais gente e mais gente e mais gente (...) trazia banana, feijão, milho, trazia tudo de lá mesmo, o que tinha da roça pra vendê, o costume era aqui (...) era de tropa, animal... ah moço! si eu ti contar o sofrimento que eu já passei! (risos...) nós saia lá tocando animal de carga, saia de lá sete hora, chegava aqui em Almenara cinco hora da tarde, saia de lá sete hora do dia e chegava aqui cinco hora da tarde, ota hora era seis, ota hora saia muito cedo era quatro, agora nós ia vender coisa. (...) No oto dia nós ia embora, saia daqui, na comparação, duas, três horas da tarde, chegava lá, quando chegava muito cedo, era dez hora da noite, era nove, conforme a hora (...) era uma hora da manhã, quando era sol, era sol, quando era chuva era sofrendo viu, ah menino, nós já sofreu dimais! Vou ti contá viu! (Sinésio Bartolomeu de Sousa, 14/11/2012).

O bisavô do Sinésio era conhecido como Zé Trocado, vindo da caatinga baiana, foi um dos primeiros moradores da região. O cemitério da comunidade e a Lapinha foram feitos pelo Zé Trocado e as terras do cemitério e entorno foram doadas por ele para Nossa Senhora da Conceição. Essa área ficou conhecida como a terra do Santo, que era de uso comum.

(...) mas sei que a igrejinha era do meu bisavô, que eles ainda falava assim essa redondeza aqui da igrejinha era do santo, então qualquer pai de família pode fazer uma casa e criar sua família, mas eles morreu tudo e não deixo documento nenhum... O Santo é, é, Nossa Senhora Conceição. (Sinésio Bartolomeu de Sousa, 14/11/2012).

(...) as água naquele tempo aqui era muita água, era da água e das lubrina, dava feijão da água e da lubrina... pegava bucado do feijão da colheta passada e jogava no mato, pá puder panhar o outro... (...) colhia era setenta, oitenta alquero de feijão, porco ingordava e rachava as costa e a gente colocava barro... era de muita fartura, aqui o arroz não dava muito arroz não, que aqui era vazante, não é brejo. Eu já colhi muito arroz aqui, planta no mês de novembro, o arroz. Novembro, dezembro, janeiro, janeiro o arroz ta soltando cacho, naquele tempo janeiro era bom de chuva dava arroz. (Isidoro, 99 anos, em 12/11/2012).

Os “ofícios e saberes” praticados por pessoas mais velhas eram comuns e muito significativas na vida social e política das comunidades do entorno da Escola Boa Sorte I. Dentre os “ofícios e saberes” que mais se destacavam eram: benzedores/as, parteiras, fabricação artesanal de vasilhas, montaria e tantos outros utensílios.

Segundo relatos dos entrevistados, as festas mais comuns eram os bailes, conhecidos atualmente como forró, festas de casamento, festas juninas, com destaque para o São João, festas de reisados que chegavam a durar três dias e vinham pessoas de toda a região do Panela para participar. Acontecia também a “reza do terço”, momento também que tinha caráter festivo e de partilha.

A partir da década de 70 do século passado, a região começa a receber a presença mais efetiva da igreja católica. Uma das primeiras missas da região aconteceu na casa da Dona Luzia em 28/11/1979, celebrada pelo Pe. Lídio, que pertencia à Diocese de Araçuaí. Dona Luzia teve forte influência na história da comunidade. A partir do final da década de 1970, a organização da comunidade ficou por sua conta por muito tempo. Segundo relatos de moradores das comunidades, algumas “melhorias” e/ou benefícios só chegaram à região a partir da presença dos padres que, de alguma forma, contribuiu com a formação das pessoas que passaram a reivindicar seus direitos. Até final da década de 70 e 80, as comunidades viveram num isolamento relativo e sem os bens materiais produzidos pela sociedade contemporânea. Elas desenvolveram modos de vida particulares que envolviam grande dependência dos ciclos naturais, conhecimento profundo dos ciclos biológicos e dos recursos naturais associados aos conhecimentos adquiridos pela vivência na caatinga e na mata atlântica.

Era um tempo em que se produzia quase tudo o que se precisava para a sobrevivência, possibilitando a reprodução autossustentável das comunidades. A terra fértil e muita chuva garantiam boa produção e fazia gerar a fartura. O que se compravam eram sal, farinha de trigo, bebidas, ferramentas de trabalho e querosene. Entretanto, nem todos compravam este último:

Naquele tempo, não usava querosene não, usava era azeite, azeite de mamona e fazia a candeia, fazia uma puxada de algodão, botava dentro de uma vasia, um caquim (Isidoro Alves Meira, 12/11/2012).



Escola Boa Sorte I, 1974

Era um lugar onde as pessoas que lá viviam pensavam somente em trabalhar para colher o próprio sustento, vivendo afastadas de qualquer tipo de informação que pudesse beneficiá-las. Para a formação da comunidade Santa Luzia, houve várias dificuldades, pois a evolução tardava a chegar.

No entanto, ela foi chegando aos poucos, unindo a população que cada vez crescia mais, e foi a partir desse crescimento que surgiram as escolas, associações e outros benefícios como água encanada e energia elétrica. Tudo isso ocorreu também devido a uma grande colaboração do padre Lídio (Priscila Vieira Sousa, Caderno de Realidade, 2012).

As comunidades mais antigas da região são Santa Luzia, Córrego do Chicote, Boa Vista e Jenipapo e as mais novas são Umurana e Nova Conquista. A comunidade Umurana foi fundada em 2002 por famílias oriundas da própria região que compraram pequenos pedaços de terras de uma propriedade. A comunidade Nova Conquista é um projeto de assentamento do Programa Crédito Fundiário. As famílias assentadas em sua maioria são famílias do próprio município.

Nas comunidades ainda é comum o uso de práticas tradicionais de cura, como o uso de remédio do mato (caseiros), “benzeção” e simpatia. A religião católica é predominante nas comunidades, mas há famílias de igrejas protestantes. Geralmente aos domingos, as famílias reúnem-se para a celebração do Culto Dominical e, periodicamente, há a celebração da missa. Não existem igrejas. As celebrações geralmente acontecem em casas das famílias e/ou escolas. As principais festas são as juninas, casamentos e comemorações de aniversários que geralmente contam com a participação da maioria dos comunitários.

Nas comunidades, existem cerca de 150 famílias e aproximadamente 500 pessoas, sendo que parte delas são pequenos proprietários. Ainda existem empregados em fazendas, principalmente como vaqueiros de médios e grandes proprietários. As famílias basicamente vivem da agricultura familiar, com destaque para a agropecuária: bovinocultura mista, criação de pequenos animais (galinhas e porcos) e plantação de mandioca, feijão, milho, hortaliças e algumas frutas, como banana, coco, mamão, tangerina e laranja. Alguns prestam serviços aos fazendeiros próximos. Há beneficiários de programas sociais como Bolsa Família e aposentados. Destaca-se a criação de gado, sendo que cerca de 70% de suas terras estão ocupadas com gado.

Referências:

- RIBEIRO, Eduardo Magalhães. **Agregação e Poder Rural nas Fazendas do Baixo Jequitinhonha Mineiro.** Revista Unimontes Científica V.5.N2. jul/dez. Unimontes, Montes Claros, MG, 2003. In: <http://www.unimontes.br/unimontescientifica>.
- RIBEIRO, Eduardo Magalhães. **Lembranças do Mucuri e Jequitinhonha.** Contagem: Cedefes, 1996.

Este texto contém contribuições do Sr. Isidoro Alves Meira, 99 anos de idade que sempre viveu na região do Painal e, atualmente, mora em frente à escola Boa Sorte 1 e do Sr. Sinésio Bartolomeu de Sousa, 77 anos de idade, bisneto do saudoso Zé Trocado, que foi um dos primeiros moradores da região. Sinésio nasceu e viveu na comunidade Santa Luzia até recentemente. Atualmente, reside na sede do município. As informações foram obtidas em entrevistas realizadas em 12 e 14/11/2012, exclusivamente para este trabalho). Também contém extratos do texto *História da Comunidade Santa Luzia*, retirados do Caderno da Realidade - Projeto Pibid Diversidade Almenara – 2012 de Priscila Vieira Sousa, estudante do 8º ano da Escola Municipal Boa Sorte I, Comunidade Santa Luzia/Almenara.

ESCOLA MUNICIPAL DO CAMPO BOA SORTE 2

Vanúbia Monteiro Carvalho
Professora supervisora PIBID
Uilha Martins Pereira
Aluno bolsista PIBID

Caracterização da Escola Municipal do Campo Boa Sorte 2

A Escola Municipal do Campo Boa Sorte 2 está situada na comunidade São José do Paraguai. Essa comunidade foi fundada no ano de 1855 pelo Sr. Jeremias Ferreira Lopes e sua família, que saíram do sertão da Bahia à procura de melhorias e fugindo de uma epidemia de febre que estava causando a morte de várias pessoas na região. Chegando ao lugar onde atualmente é a comunidade, havia somente uma mata densa, repleta de árvores gigantescas e animais silvestres. Curiosamente, a primeira moradia da família foi a raiz de uma árvore de grande porte que naquele momento foi a única forma de proteção contra o ataque de animais. Com o passar do tempo, conseguiram construir as primeiras moradias e, com a chegada de outros posseiros, a comunidade foi tomando forma e se desenvolvendo.

A Escola Boa Sorte 2, localizada a 32 km da sede do município de Almenara, foi fundada em 1986 com o antigo nome Geremias Ferreira Lopes. A escola surge com o propósito de alfabetizar as crianças da comunidade local, mas, por questões políticas entre dois importantes membros da comunidade que pertenciam a partidos políticos opostos, ficou desativada durante 20 anos. Era uma escola pequena que funcionava com uma turma multisseriada de 1ª a 4ª série (Ensino Fundamental I). Em 2006, houve a necessidade de reativá-la e a escola passou a receber estudantes do ensino fundamental dos anos finais (6º ao 9º anos) que residiam na própria comunidade e nas comunidades circunvizinhas, passando a funcionar no turno matutino e no vespertino. Em 2012, a escola foi reformada e ficou com um espaço amplo, causando a satisfação dos alunos, funcionários e toda a comunidade.

A Escola Boa Sorte 2 possui o código INEP 31185833, regulamentada pela Portaria CEE nº 1628/2002. No ano de 2012, o corpo discente da instituição era composto por 47 estudantes, filhos de agricultores familiares. Destes, 11 estudantes residiam na própria comunidade e o restante nas comunidades adjacentes à instituição (Água Limpa, Serra Azul, Santo Antonio do Córrego Direito, Boa Sorte, São Domingos, Acampamento Amaralina, Assentamento Esperança Santa Rosa). Nesse ano, a maioria dos alunos (36) necessitava de transporte escolar para chegar até a escola.

O perfil dos estudantes dessa escola é bem interessante, com idades entre 10 e 17 anos. Muitos deles enfrentam uma vida dura, levantam às quatro horas da manhã, andam alguns quilômetros para pegar o transporte escolar e, quando voltam para casa, ainda trabalham para ajudar os pais. Outros, às vezes, vêm para escola sem almoço, pois o ponto do carro fica distante e eles têm que sair de casa entre nove e nove e meia. Muitos pais participam das atividades escolares desenvolvidas pelos filhos, mas não todos. Os moradores que não têm filhos na escola também contribuem de forma incondicional com os projetos e atividades realizadas. É uma comunidade muito participativa.

Em 2012, o corpo docente era composto por cinco educadores habilitados nas suas respectivas áreas de conhecimento: três com nível superior completo e dois em fase de conclusão. Uma das professoras residia na comunidade e as outras se deslocavam da cidade para o campo, permanecendo na escola durante a semana. Nesse período, interagiam com a comunidade, participando e colaborando com os eventos e ações propostas pelos moradores e ainda visitavam as demais comunidades com o propósito de conhecer a realidade vivenciada pelos estudantes.

A comunidade São José do Paraguai, onde a escola foi implantada, possui aproximadamente 180 habitantes. Suas principais atividades econômicas são a agricultura e a pecuária que, em sua maioria, são desenvolvidas com recursos do PRONAF (Programa Nacional da Agricultura Familiar).

Na agricultura, são desenvolvidas atividades como a mandiocultura e a produção de seus derivados (farinha, goma, puba, biscoitos, bolos, etc.), feijão, milho, abóbora, verduras em geral, banana e cacau, cuja produção é vendida a outros estados. Na pecuária, destaca-se a criação de gado leiteiro e sua produção é destinada a fabricação de queijo, requeijão e leite, vendido à COOPLEAL (Cooperativa dos Produtores de Leite de Almenara). Existem ainda várias famílias que realizam atividades como a suinocultura, caprinocultura, piscicultura, apicultura, além da criação de aves de pequeno porte (galinha, pato, peru, galinha da angola, etc.) para o consumo da família. Além das atividades produtivas, outra fonte de renda é a Bolsa Família e o salário dos aposentados.

As condições de moradia e saúde são boas, embora não exista saneamento básico nem coleta de lixo. São aproximadamente 53 casas de alvenaria, sendo que algumas delas são bastante amplas. Na comunidade, não há unidade de saúde, mas há visitas médicas mensais e um agente de saúde residente na própria comunidade que informa junto à Secretaria Municipal de Saúde as ocorrências do mês. As pessoas têm acesso a transporte de segunda-feira a sábado para irem à cidade vender seus produtos e fazer compras, uma vez que os moradores da comunidade não consomem toda a sua produção.



Fotos da comunidade São José do Paraguai e da Escola Municipal Boa Sorte 2.

Oficina Memórias PIBID na Boa Sorte 1

Fabiane Rodrigues Ferraz

Professora supervisora PIBID

A Oficina Memórias foi uma das ações do projeto PIBID Diversidade Almenara, desenvolvido na Escola Municipal do Campo Boa Sorte I. Os professores da escola e os estudantes bolsistas PIBID desenvolveram, por meio de grupos trabalhos, pesquisas para o levantamento do patrimônio cultural material e imaterial das comunidades: costumes, remédios caseiros, receitas culinárias tradicionais, “causos” e reflexões sobre a escola do e no campo ontem, hoje e amanhã. Além disso, com a Oficina Memórias, descobrimos quando e como a escola foi fundada, dados sobre os primeiros alunos, a primeira professora e a forma de pagamento da mesma, que era feito em réis, banana e feijão.

Nas oficinas, gêneros textuais foram produzidos. Essa produção foi sempre precedida por atividades de leitura, inclusive de “leitura-deleite”, nas quais os alunos puderam se familiarizar com diversos textos, se divertir com eles e também refletir sobre o funcionamento deles nas interações diárias, para que servem e como se organizam.

Com todo esse trabalho, exploramos habilidades de leitura e de produção textual ao mesmo tempo em que houve a oportunidade para os educandos de pensar sobre a lógica de nossa leitura e escrita. Observamos nas oficinas que é importante que a leitura e a escrita não sejam atividades secundárias, que não ocupem apenas o tempo que sobrou no finalzinho da aula. Leitura e escrita precisam ser planejadas como atividades cotidianas, não só entre alunos, mas também entre nós, professores, e toda a escola.

Trabalhar com o tema Memórias é fascinante. A participação e a cumplicidade dos trabalhos são contínuos, uma vez que fazemos parte da história do outro e o outro faz parte da nossa. Durante as oficinas, não esquecemos o eixo da oralidade, que é explorado e valorizado na expressão e “contação” de cada memória, gerando trabalhos intitulados “Delícias e Guloseimas”, “Cantinho do Poeta” e muitos outros. Nesse contexto de fala pública, fora da sala de aula, os alunos tiveram a oportunidade de tentar ajustar a sua fala aos ouvintes, não só aos colegas de classe e professores, mas à toda a comunidade.

FOTOS DA OFICINA MEMÓRIAS PIBID:



CINEMA NA BOA SORTE 2

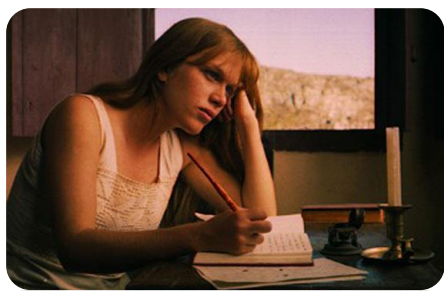
Vanúbia Monteiro Carvalho
Professora supervisora PIBID

O projeto PIBID nos trouxe a oportunidade de pesquisar e desenvolver práticas pedagógicas articuladas com os saberes locais, abordando temas relacionados ao trabalho e consumo, saúde e pluralidade cultural, possibilitando a participação de professores em formação e alunos do campo em experiências metodológicas inovadoras. Dentre as atividades realizadas, destacamos as sessões de cinema que têm gerado muito interesse e participação da comunidade escolar da Boa Sorte 2. Uma vez que os alunos do campo também são influenciados pela mídia, é necessário que nós, educadores do campo, possamos integrar diferentes linguagens midiáticas em sala de aula. Filmes, por exemplo, são importantes recursos pedagógicos, pois, além de possibilitar uma leitura crítico-reflexiva, podem promover discussões relacionadas à vida, fantasia, realidade, e cultura em contextos global e local.

Assim, foram escolhidos três filmes para serem trabalhados com os alunos da Boa Sorte 2. Descreverei em seguida esses filmes e as práticas pedagógicas realizadas em sala de aula decorrentes de sua utilização.

Vida de Menina (Helena Solberg, 2003)

O filme “Vida de Menina” foi a primeira obra a ser trabalhada na Escola Boa Sorte 2 com o projeto PIBID. É um filme que conta o dia a dia de uma adolescente que habitava na cidade de Diamantina em Minas Gerais entre 1893 e 1895, início do declínio do sonho de riqueza conquistada pela mineração de diamantes. Relata com simplicidade e curiosidade a vida e os hábitos de uma descendente de ingleses na província. Quando entra para a escola normal, Helena é aconselhada por um de seus professores a escrever. O que parecia ser um castigo mostra-se um exercício interessante e a menina começa a colocar no papel seus sonhos, suas observações, superstições, “causos” que lhe contavam velhos parentes, festas populares, decepções, sua crítica à sociedade e à religião que, segundo a garota, tem como objetivo aterrorizar e controlar as pessoas.



Um dos objetivos de se trabalhar esse filme com nossos alunos foi incentivá-los a pesquisar, ler e compreender os aspectos que caracterizam gêneros textuais que apresentam em seu conteúdo relatos históricos. Dentre eles, focamos o gênero livro de memórias que, assim como um diário, registra acontecimentos e impressões das pessoas que as escreveram sobre fatos ou situações que despertaram interesse em suas vidas. Geralmente, as memórias são escritas com a intenção de captar momentos da vida que merecem ser registrados. E o objetivo maior da utilização desse filme foi motivar os alunos da Boa Sorte 2 a fazer seus próprios relatos, contando suas experiências do dia a dia e a história do lugar onde vivem. Para isso, foi construído um caderno da realidade que eles estão utilizando desde junho de 2012. Nesse caderno, eles relatam sobre a vida de suas famílias, suas dificuldades, trabalho, perspectiva de vida, a importância da escola, etc. Os textos foram lidos e algumas sugestões sobre o que poderia ser melhorado foram dadas. Alguns textos são trabalhados dentro da sala de aula, outros em casa. Observouse que a maioria dos alunos gostou muito dessa proposta de trabalho.

Escritores da Liberdade (Richard La Gravenese, 2007)

O filme “Escritores da Liberdade” foi o segundo filme trabalhado na Escola Boa Sorte 2 na realização do projeto PIBID. É um filme baseado em fatos reais e conta a história de uma professora que começa a lecionar em uma turma de 2º grau em uma escola americana. Após sua primeira aula, a professora Erin percebe que a educação naquela escola não era como ela tinha imaginado. Sua turma, assim como toda a escola, é heterogênea, dividida em gangues e etnias, ocorrendo, então, muitas desavenças e brigas violentas. Mesmo um pouco decepcionada ao descobrir o desinteresse dos alunos pela aula, ela começa a utilizar características comuns à vida deles para lhes ensinar a matéria.

Apesar de não contar com o apoio da direção da escola e dos seus colegas de trabalho, Erin acredita que há possibilidades de superar as dificuldades existentes. Para isso, cria um projeto de leitura e escrita, iniciado com o livro “O diário de Anne Frank” em que os alunos registrariam em cadernos personalizados o que quisessem sobre suas vidas, criando um elo com o mundo e fornecendo aos alunos um elemento real de comunicação que permitiria aos mesmos se libertarem de seus medos, anseios, aflições e inseguranças.



O objetivo principal de trabalhar esse filme com os nossos alunos foi incentivá-los à leitura e à escrita, pois, assim como no filme, nossos alunos também fazem seus registros. Além disso, objetivou-se a mostrar que a realidade do aluno, as suas experiências familiares e sociais são levadas em consideração no processo de ensino-aprendizagem e que a sua capacidade de criação é imprescindível para sua transformação. Assim, o processo de ensino-aprendizagem torna-se uma via de mão dupla, tanto para o professor quanto para o aluno, pois muitas vezes eles ensinam e outras vezes aprendem. A reação dos alunos em relação ao filme foi bastante reflexiva. Muitos o compararam com as dificuldades que enfrentam em seu dia a dia, mas perceberam que o importante é ter coragem e não desistir. Uma de nossas alunas disse: “Mesmo com diversas barreiras, Erin conseguiu realizar seu trabalho. A partir de sua iniciativa, os alunos descobriram que precisavam apenas de uma chance para se conhecer melhor e mostrarem que também tinham capacidade”. Assim, pudemos perceber a importância da escolha desse filme para ser trabalhado na nossa escola.

Narradores de Javé (Eliane Caffé, 2003)

O filme “Narradores de Javé” foi mais um que trabalhamos no projeto PIBID com o intuito de complementar o nosso trabalho e orientar os nossos alunos. Conta a história dos moradores de um vilarejo do Vale de Javé que temem a construção de uma hidrelétrica que alagará toda a cidade. Para impedir tal fato, a única chance que eles têm é a de provar que a cidade possui um valor histórico a ser preservado. Entretanto, para isso, era necessário colocar por escrito os fatos que só eram contados de boca a boca. Como a maioria dos moradores era analfabeta, recorreu-se para realizar tal tarefa ao ex-carteiro da cidade. Este fora banido por todos porque escrevia cartas para pessoas de outras cidades, contando mentiras e calúnias dos habitantes de Javé para evitar que o posto de correios do lugar fosse fechado. Assim, o malandro Antonio Biá vai conhecendo a fundo as fantasias, as memórias e as lembranças do povo de Javé. Mas a escrita destas histórias, tão diferentes umas das outras, não obteve registro oficial. Ao final do filme, o livro com a grande história de Javé não foi escrito. A represa é construída, a cidade é inundada e seus moradores desterrados, mostrando a consequência do progresso naquele espaço.



Trabalhar o conteúdo desse filme foi muito importante, pois ele aborda diversos temas como crenças, heranças históricas, valores, a formação cultural de um povo, a oposição entre invenção e verdade, a memória e história, a importância da oralidade na construção científica, a dimensão da fala e da escrita e o confronto entre as tradições e o progresso. É um filme que tem tudo a ver com o trabalho que está sendo desenvolvido na Escola Boa Sorte 2, pois estamos nos empenhando para resgatar aspectos culturais da nossa região por meio de pesquisas feitas com os moradores da comunidade escolar e das comunidades circunvizinhas. Além disso, o filme apresenta uma trama que se assemelha à história de uma das comunidades da nossa região: a de São Domingos, onde os moradores se viram forçados a vender suas terras para uma empresa de exploração de grafite, o que mostra, mais uma vez, o impacto do progresso na população do campo. Os filmes trouxeram pontos positivos para o desenvolvimento da leitura e da escrita, pois são voltados para o tema do subprojeto que está sendo desenvolvido na escola, valorizando a cultura e o meio em que vivem os nossos alunos



Atividades do PIBID na Boa Sorte 2



Construção dos mapas das comunidades



Projeto Folclore: revivendo culturas e tradições



Alunos da Escola Boa Sorte 2 realizando pesquisas de campo



Relatos de alunos sobre o PIBID na Boa Sorte 1



Hoje eu amei o meu dia na escola. Dia de PIBID. Dancei a música da mulher rendeira. Tudo tem sido tão divertido. Eu sinto que esse projeto PIBID está unindo a minha escola e nós, alunos e professores, sentimos mais vontade de estudar. Estou amando tudo. 09/08/12.

Jamile dos Santos Porto, 12 anos , 6º ano.
E. M. Boa Sorte I.
Comunidade Boa Vista.

O que eu achei muito importante no PIBID foram as descobertas sobre a minha comunidade, porque meus pais moram na comunidade Umburana desde quando nasceram e não sabíamos nada sobre ela. E agora com as pesquisas PIBID já troco informações com os meus colegas – 14/08/12.

Denise Sousa, 12 anos, 7º ano.
E. M. Boa Sorte I.
Comunidade Uburana.





O PIBID é muito importante na minha escola. Os trabalhos nos fazem pensar o quanto a comunidade é importante e o nosso orgulho. A visita do PIBID é cada dia mais especial - 18/09/12.

Priscila Vieira de Sousa, 13 anos, 8º ano.
E. M. Boa Sorte I.
Comunidade Santa Luzia.

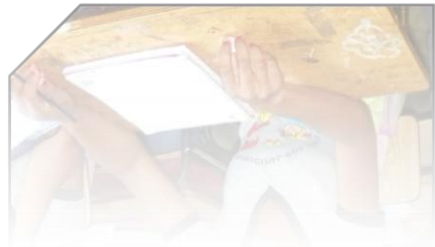
O PIBID é um projeto que veio para a nossa escola trazendo grandes oportunidades. Hoje, conhecemos mais a nossa comunidade, a nossa escola, a nossa família e os estudantes professores Edivaldo, Sinara e Alcione nos fazem sentir alegria. 14/09/12.

Jaqueline Sousa de Almeida, 16 anos, 6º ano.
E. M. Boa Sorte I.
Comunidade Boa Vista.

Comunidade Boa Vista

E. M. Boa Sorte I

Jaqueline Sousa de Almeida, 16 anos, 6º ano.



Relatos de alunos sobre o PIBID na Boa Sorte 2



O projeto PIBID nos trouxe a oportunidade de buscar conhecimento através de pesquisas e relatos de pessoas mais experientes. É um projeto muito bacana que está acontecendo na nossa escola e contribuindo com a nossa aprendizagem, envolvendo os alunos através da leitura e escrita.

Jéssica Rocha Lopes, 14 anos, 8º ano.
Escola Municipal Boa Sorte 2

Através do projeto PIBID, pude perceber o quanto é importante a valorização cultural e histórica do lugar onde vivo. Esse projeto está contribuindo muito para o meu conhecimento, não só escolar, mas também de mundo.

Jéssica Ferreira Sousa Santos, 13 anos, 8º ano.
Escola Municipal Boa Sorte 2.



Estou aprendendo muito na execução do projeto PIBID. Ele trouxe para nós, estudantes, o despertar e interesse por trabalhos que envolvam pesquisas, leitura e escrita. É um projeto muito gratificante de realizar, pois a cada dia descobrimos conhecimentos novos e importantes para nossa vida.

Juscimária Sousa Pereira, 17 anos, 9º ano.
Escola Municipal Boa Sorte 2.

O projeto PIBID me deixou muito empolgada, pois sou uma aluna que gosta de trabalhos e projetos que envolvem pesquisas, que fazem com que a gente desenvolva o nosso conhecimento. Realizamos alguns trabalhos e pude perceber que esse projeto é muito valioso para a nossa aprendizagem.

Ketlyn Andrade Pinheiro, 13 anos, 8º ano.
Escola Municipal Boa Sorte 2.





O projeto PIBID nos deu a oportunidade de valorizar nossa história, a história da nossa comunidade, nossa cultura e a origem dos nossos antepassados. É um projeto muito gratificante. Estou adorando realizar todas as atividades.

Amanda Barbosa Soares, 16 anos, 8º ano.
Escola Municipal Boa Sorte 2.
Comunidade Água Limpa.

Os trabalhos do PIBID são ótimos, porque realizamos muitas atividades como danças, teatro e pesquisas que nos fazem desenvolver na escola e ajudam no comportamento.

Renato Sousa penha. 17 anos, 9º ano.
Escola Municipal Boa Sorte 2.
Comunidade Boa Sorte.



O PIBID é importante porque busca resgatar a história da comunidade e retrata a cultura do lugar onde vivemos.

Gerson Teixeira Neres. 15 anos, 8º ano.
Escola Municipal Boa Sorte 2.

Comunidade São José do Paraguai.

As atividades desenvolvidas no PIBID são uma maneira de resgatar o passado, as origens e a cultura, com intuito de valorizar o local onde vivemos.

Valdir dias Sousa, 14 anos, 8º ano.
Escola Municipal Boa Sorte 2.
Comunidade Serra Azul.



ATIVIDADES DA EQUIPE DO SUBPROJETO HUMANAS 2 PIBID DIVERSIDADE DA UFVJM / 2012



As estudantes bolsistas Sinara e Juliana, o coordenador Luiz Otávio, os estudantes bolsistas Anilton e Roberto e a professora supervisora Vanúbia em reunião de planejamento em Almenara / MG em 25/08/2012.



Reunião da Equipe PIBID Diversidade Almenara durante o 1º SINTEGRA da UFVJM em Diamantina / MG, 2012. Foto: Edivaldo Ferreira Lopes.



Apresentação de trabalho da equipe PIBID no 1º SINTEGRA da UFVJM em Diamantina, 2012



Estudantes bolsistas Juliana, Edivaldo, Sinara, Uilha, e Alcione e o coordenador Luiz Otávio no Campus 2 da UFVJM em Diamantina, 15/05/2012.



Equipe PIBID da Escola Boa Sorte I apresentando trabalho no SINTEGRA UFVJM 2012.



Estudantes bolsistas Juliana, Anilton, Uilha, Sinara, supervisoras Fabiane e Vanúbia e o Coordenador Luiz Otávio em reunião de planejamento em Almenara, 14/04/2012.



Equipe da Escola Boa Sorte 2 apresentando trabalho no SINTEGRA UFVJM 2012.



Reunião de planejamento da equipe PIBID em Almenara. Prof. colaborador Luis Henrique, as professoras supervisoras Fabiane e Vanúbia e as estudantes bolsistas Alcione e Juliana. 05/05/2012.

Culinária da região

A culinária da nossa região é bastante diversificada. Dentre os vários produtos que utilizamos, destaca-se o leite com o qual se faz queijo, requeijão, manteiga, doce e várias receitas. Temos também o milho que é usado para fazer bolos, angus, mingau, podendo se comer cozido ou assado. E ainda temos a mandioca, o produto mais utilizado. Dela se extrai a farinha que serve como alimento e a goma com a qual se faz diversas receitas de biscoitos, beijus e tapioca. Com a massa, são feitos bolos, sorvetes, pudins, pastéis, bolinhos, salgados, etc. E ainda se come assada, frita acompanhada de carne de sol (“macaxeira”), cozida acompanhada ou não de costela de Boi (“Vaca atolada”). Devido a essa diversidade de produtos, apresentamos algumas comidas típicas da nossa região.



Biscoito de Nata

Ingredientes:

- 1 copo de nata
- 7 colheres de sopa de açúcar
- 400 gramas de maizena
- 1 colher de sopa de fermento em pó
- 1 colher de manteiga
- 1 gema
- 1 pitada de sal

Modo de fazer:

Amasse todos os ingredientes juntos e enrole a massa. Coloque em uma forma untada e espere um pouco para o biscoito crescer. Depois leve ao fogo para assar.

Aluno: Luívce Gomes, 12 anos,
Comunidade Serra Azul
Escola M. Boa Sorte 2

Bolo de Fubá

Ingredientes:

- 1 xícara (chá) de manteiga
- 1 xícara (chá) de açúcar
- ½ colher de mel
- 4 gemas
- 1 ½ xícara (chá) de farinha de trigo fermentado
- ½ xícara (chá) de coco ralado
- 1 xícara (chá) de fubá
- 1 xícara de leite
- 4 claras batidas em neve

Modo de fazer:

Em uma batedeira, bata a manteiga, o açúcar, o mel e as gemas até ficar cremoso. Alternadamente, adicione o trigo, coco, fubá e o leite. Continue batendo até a massa ficar homogênea. Incorpore delicadamente as claras em neve. Despeje numa forma redonda média untada e asse por trinta minutos.

Aluna: Amanda Soares, 14 anos, 8º ano.
Comunidade Água Limpa
Escola M. Boa Sorte 2

Culinária da região



Bolo de Milho

Ingredientes:

2 xícaras de milho verde
1 garrafa de leite de coco
1 xícara e ½ de milho
1 xícara e ½ de açúcar
4 ovos
100 gramas de margarina
1 colher de pó Royal

Modo de fazer:

Bata tudo no liquidificador e leve ao forno.

Bom apetite!

Aluna: Claudiane Lopes. 17 anos. 9º ano. Comunidade Serra Azul.
Escola M. Boa Sorte 2.

Biscoito Chimango

Ingredientes:

1 litro de goma
1 copo de banha
4 ovos
2 copos de leite
Erva doce (a gosto)
Sal a gosto

Modo de fazer:

Coloque a goma em uma vasilha, tempere e escale com água quente. Coloque os ovos e termine de amassar com um pouco de leite. Leve ao forno e deixe assar até dourar levemente.

Aluna: Marcela Samara Ferreira de Oliveira.
17 anos. 9º ano, Comunidade Boa Sorte.
Escola M. Boa Sorte 2.

Culinária da região



Pão de Queijo

Ingredientes:

1 kg de queijo meio cura ralado
Sal a gosto
1 xícara (chá) de óleo
4 ovos
½ kg de polvilho doce
½ kg de polvilho azedo
Margarina para untar

Modo de fazer:

Em uma tigela, coloque o queijo, o sal, o óleo, os ovos, o leite e misture bem. À parte, coloque o polvilho doce e o azedo junto com os outros ingredientes. Se necessário, coloque mais leite até a massa ficar macia. Modele bolinhas e coloque em uma assadeira untada deixando espaço entre elas. Leve ao forno pré-aquecido por 25 minutos ou até assar e dourar levemente.

Aluno: Álvaro Cabral Barbosa. 12 anos. 7º ano. Comunidade Córrego Direito.
Escola M. Boa Sorte 2.

Sorvete de Mandioca

Ingredientes:

1 xícara de mandioca cozida ou amassada
1 xícara de leite
Meia caixinha de leite condensado
Meia caixinha de creme de leite
Meia xícara de açúcar

Modo de fazer:

Coloque em uma panela o leite, o leite condensado, o creme de leite e o açúcar. Misture e leve ao fogo. Quando estiver quase fervendo, acrescente a mandioca amassada e mexa até engrossar. Tire do fogo, esfrie um pouco e misture o restante do leite condensado e do creme de leite. Bata no liquidificador e leve à geladeira.

Aluno: Renato Sousa Penha. 17 anos. 8º ano.
Comunidade Boa Sorte.
Escola M. Boa Sorte 2.

REMÉDIOS E CHÁS CASEIROS

Na nossa região, a maioria das pessoas faz o uso dos chás geralmente como remédio. Nas casas, o hábito é oferecer o famoso cafezinho ao invés de chá. Mas poucos sabem que o chá traz benefícios para o corpo e para a mente. É gostoso, saudável, sem gordura e sem calorias. É nosso aliado contra os efeitos nocivos dos chamados radicais livres, substâncias associadas a processos degenerativos e ao envelhecimento. Portanto, o chá não apenas como remédio é excelente no dia a dia para quem se preocupa com a qualidade de vida.

Podemos nos habituar fazendo o uso de algumas receitas:

Cana-de-Macaco

A cana-de-macaco serve para inflamações nos rins. Essa planta é encontrada em qualquer lugar onde tem nascente. Ela é preparada pré-cozida e podemos servi-la gelada. Eu encontrei essa planta em uma nascente perto da minha casa.

Estudante: Gustavo Pereira Silva, 14 anos, 7º ano.

Escola Boa Sorte I.

Comunidade Santa Luzia.

Favacão

O chá de favacão é delicioso e serve para tosse. É fácil de encontrar em nossa região e as pessoas fazem xarope de favacão com mel para crianças e adultos.

Estudante: Matheus Silva, 14 anos, 7º ano.

Escola Boa Sorte I.

Comunidade Nova Conquista.

Anador

Essa planta é chamada anador. Ela foi encontrada na horta da minha casa. Na minha comunidade, as pessoas usam contra dores no corpo e gripe. A mesma é preparada com alho, mas se você quiser pode ferver e tomar com açúcar. Essa planta é chamada anador porque tem o mesmo efeito do medicamento chamado anador.

Estudante: Denise Souza, 12 anos, 7º ano.

Escola Boa Sorte I.

Comunidade Umburana.

Pitanga

O chá de pitanga serve para gripe e também para simpatia quando as pessoas estão com dificuldade para respirar. A pitanga é encontrada em qualquer região. Na minha comunidade, usamos chá de pitanga para todas as crianças que estão gripadas.

Estudante: Marcos Vinicius Aguiar, 12 anos, 7º ano.

Escola Boa Sorte I.

Comunidade Córrego Direito .

Erva Doce

O chá de erva doce serve para dores no corpo provocadas por gases. Precisamos ferver bastante e tomar o chá em pequenas quantidades.

Estudante: Lucas Oliveira, 16 anos, 7º ano.

Escola Boa Sorte I.

Comunidade Umburana.



Fonte: <http://www.tuasaude.com/erva-doce/>

Alecrim

Na minha comunidade, há pés de alecrim por toda a parte. O chá serve para resfriado, batimento, estoporo e para dificuldades respiratórias. Para fazer o chá de alecrim, a água precisa ser fervida para depois abafar as folhas de alecrim com uma tampa. Aí é só servir.

Estudante: Amanda Sousa , 15 anos, 7º ano.
Escola Boa Sorte I. Comunidade Umburana.

Boldo

O boldo serve para dor de barriga. É preciso amassar as folhas e depois acrescentar água. Pode ser adoçado ou tomado amargo. Em minha comunidade, usa-se muito essa planta porque as pessoas adoecem muito com dor de barriga.

Estudante: Otávio Santos Cabral, 12 anos, 7º ano.
Escola Boa Sorte I. Comunidade Santa Luzia.

Matruz

O matruz é uma erva amarga. O chá serve para dor de barriga e vermes. Esse matruz foi encontrado perto da minha casa. Pode ser preparado com leite ou pisado com almofariz.

Estudante: William Ramos ,15 anos, 7º ano.
Escola Boa Sorte I. Comunidade Santa Luzia.

Papai Nicolau

O chá dessa planta serve para dor no estômago. É preciso coar ou ser fervida. É muito amarga.

Estudante: Thiago Aparecido Tibúrcio Santos,
12 anos, 7º ano.
Escola Boa Sorte I. Comunidade Jenipapo.

Chá Caseiro para Pressão Alta

Ingredientes:

Folhas de seriguela
Folhas de chuchu
Folhas de capim da lapa
1 litro de água

Modo de fazer:

Coloque todos os ingredientes para ferver por alguns minutos até soltar a cor. Deixe esfriar.

Posologia:

Tomar três vezes ao dia.

Estudante: Noilza Rocha Sales, 17 anos. 9º ano.
Escola Boa Sorte II.
Comunidade Córrego Direito.

Pomada Contra Reumatismo, Dores Musculares e Cicatrizantes

Ingredientes:

3 folhas de babosa
3 colheres (sopa) de parafina
1 copo de óleo
9 pastilhas de cânfora.

Modo de fazer:

Corte a babosa em pedaços grandes e frite-os no óleo. Em seguida, coe e acrescente a parafina e a cânfora ao óleo. Use no local dolorido, massageando suavemente.

Estudante: Claudiane Lopes, 16 anos, 9º ano.
Escola Municipal Boa Sorte 2.
Comunidade Serra Azul.

Terramicina

A terramicina serve para inflamação. Deve ser fervida para ser servida. Não podemos esquecer que ela precisa ficar vermelha para estar pronta. Deve ser plantada em lugar seco ou úmido. É fácil para desenvolver a muda.

Estudante: Thauana Moreira Silva,13 anos, 7º ano.
Escola Boa Sorte I.
Comunidade Córrego do Chicote.

Chá de Gengibre

Ingredientes:

- 1 pedaço de +- 5 cm de raiz gengibre
- ¼ de limão
- ½ litro de água
- 1 pau de canela
- 4 a 5 cravos-da-índia
- 1 pitada de noz moscada ou cardamomo

Modo de fazer:

Faça um suco de gengibre e limão. Coloque o suco em uma panela (de inox) e acrescente a água, a canela e o cravo. Ferva em fogo brando. Acrescente a noz moscada ou cardamomo.

Chá de capim-santo, limão e gengibre

Ingredientes:

- 300 ml de água
- 1 folha de capim-santo picada com tesoura
- 1 gengibre sem a casca cortado em 4 pedaços de 5 cm
- 1 rodela do centro de limão-siciliano com casca

Modo de fazer:

Ferva a água. Após a fervura, coloque o capim santo, o gengibre cortado e o limão-siciliano e deixe por 5 minutos em fogo baixo. Desligue o fogo e tampe por mais 5 minutos. Coe, coloque alguns cubos de gelo e sirva.

Chá de Casca de abacaxi, hortelã e gengibre

Ingredientes:

- Casca da metade de um abacaxi cortada em pedaços de 5 cm
- 10 cm de gengibre cortado em lâminas
- 1 xícara de folhas de hortelã
- 3 cardamomos
- Mel a gosto
- Água mineral

Modo de fazer:

Coloque o abacaxi e o gengibre em uma panela e cubra com água mineral – até 3 dedos acima dos ingredientes. Leve ao fogo e cozinhe por 20 minutos. Desligue a chama, coe, adoce com o mel, coloque as folhas de hortelã fresca e leve para gelar por 1 hora ou acrescente pedras de gelo.

Modo de fazer:

Em uma panela, faça um caramelo com o açúcar. Adicione todos os ingredientes. Mexa e deixe ferver durante quinze minutos. Sirva bem quente.

Chá de abacaxi, gengibre, cravo e canela

Ingredientes:

- 700 ml de água
- 5 dentes de cravo
- 1 pauzinho de canela
- 3 galhinhos de menta ou folhas de hortelã
- 1 pedaço de gengibre fresco
- Casca de 1 abacaxi maduro

Modo de fazer:

Colocar todos os ingredientes numa vasilha e levar ao forno de microondas por cinco minutos ou ao fogo até ferver. Colocar dentro do bule galhos de menta ou hortelã, coar a mistura e servir.

Chá de Erva-cidreira com manjeriço

Ingredientes:

- Água
- Folhas de erva cidreira
- Folhas de manjeriço
- Suco de ½ de um limão
- Açúcar a gosto

Modo de fazer:

Coloque a água para ferver, acrescente o açúcar e desligue o fogo, depois acrescente as folhas de erva-cidreira, as folhas de manjeriço e o suco do limão e tampe, deixando em fusão por 5 minutos. Sirva quente ou frio.

Chá de Capim-santo e limão

Ingredientes:

- Água
- Folhas de capim cidreira
- Suco de um limão pequeno
- Açúcar a gosto

Modo de fazer:

Coloque a água para ferver, acrescente as folhas de capim-cidreira, o suco do limão e o açúcar. Deixe ferver por mais 3 minutos com a vasilha tampada. Desligue o fogo e reserve por 5 minutos e sirva.

Chá caseiro para pressão alta

Ingredientes:

Folhas de seriguela
Folhas de chuchu
Folhas de capim da lapa
1 litro de água

Modo de fazer:

Coloque todos os ingredientes para ferver por alguns minutos até soltar a cor. Deixe esfriar.

Posologia:

Tomar três vezes ao dia.

Aluna: Noilza Rocha Sales, 17 anos, 9º ano. Comunidade Córrego Direito. Escola Municipal Boa Sorte 2.

Chá de arruda para infecção dos rins, asma brônquica, conjuntivite.

Ingredientes:

2 colheres (sopa) de arruda
1 litro de água

Modo de fazer:

Leve ao fogo a arruda e a água e quando levantar a fervura desligue o fogo. Deixe a solução tampada abafando por 15 minutos. Agora coe, beba e tome 1 xícara por 3 vezes ao dia.

Aluna: Marcela Samara de Oliveira, 17 anos, 9º ano. Comunidade Boa Sorte. Escola Municipal Boa Sorte 2.

Chá para impotência sexual

Ingredientes:

40g da raiz de catuaba
750 ml de água

Modo de fazer:

Para fazer o chá, ferva a água e acrescente as 40g da raiz de catuaba e deixe ferver por mais 10 minutos. Coe e tome três xícaras ao longo do dia. Os efeitos são sentidos logo nos primeiros 30 minutos após a toma. Este chá é recomendado para tratar problemas circulatórios e aumentar a ereção masculina.

Aluno: Romário F. da Silva. 18 anos, 9º ano. Comunidade São José do Paraguai. Escola Municipal Boa Sorte 2.

Receita caseira para cólicas menstruais

Ingredientes:

8 folhas de louro
1 colher (sopa) de erva doce
10 folhas de mentrasto (erva de São João)
Noz-moscada.

Modo de Preparo:

Ferva todos os ingredientes em 1/2 litro de água.

Posologia:

Tomar meio copo, 3 vezes ao dia.

Aluna: Juscimária Sousa Pereira. 17 anos, 9º ano. Comunidade São José do Paraguai. Escola Municipal Boa Sorte 2.

A história da comunidade São José do Paraguai

A comunidade Paraguai foi fundada no ano de 1855 pelo Senhor Jeremias Ferreira Lopes, que nasceu no sertão da Bahia, que depois foi morar no comércio por nome de Encruzilhada, onde viveu muito tempo. Depois, morou em muitas fazendas até chegar numa fazenda por nome de Cerqueiro. O Senhor Jeremias e sua família moraram muito tempo neste lugar, até que houve uma crise de fome e doenças, uma febre muito forte por nome de cezão, que acabou com a vida das pessoas que viviam naquele lugar, restando somente sua família. Quando foi à meia noite, ele falou com sua esposa: “Vamos embora deste lugar, porque senão vamos morrer também e não vamos achar ninguém para nos enterrar. Vamos embora para aquela mata”. No outro dia, eles saíram de sua casa com 6 filhos, cada um com seu caçai nas costas. Suas filhas pequenas vieram conduzidas por um jumento, dentro dos jacás, brincando com umas cabacinhas. A esposa dele, Dona Antônia, veio trazendo um oratório, pois eles rezavam o terço todos os dias.

Quando chegaram à mata, foram andando até chegar a um córrego. Este córrego recebeu o nome de Panela e, perto desse córrego, existia outro por nome Paraguai. Próximo dali, morava um homem por nome de José Paraguai, por isso o córrego recebeu este nome.

Quando eles chegaram a este lugar, andaram muito na mata procurando as terras melhores, até que chegaram à cabeceira do córrego, lá acharam uma grande árvore que tinha sido arrancada pela raiz. Esta árvore serviu de abrigo para eles por seis meses. Depois deste tempo, eles conseguiram fazer uma casinha coberta com casca de pau. Quando anoitecia, alguns dormiam e os outros ficavam acordados, porque tinha muitos bichos como onças, por exemplo, que rondavam o abrigo deles. A mata era muito bonita, tinha muitas árvores enormes que fluoravam e enfeitavam a mata.

Depois que o Senhor Jeremias chegou nesta mata, chegaram alguns posseiros por nome de Abraão, Venceslau, Tomás, Pulgueiro, Josué e Cândido. Estes posseiros se alimentavam das caças, porque não havia outros alimentos. Não havia sal nesta época, por isso eles conservavam as caças em um moquéim, hoje conhecido como churrasqueira. Para essas famílias sobreviverem, eles arrancavam pualha (uma raiz medicinal) e tirava óleo de pau para venderem em um comércio que se chamava Encruzilhada nas proximidades da cidade de Mata Verde. Almenara nessa época era um povoado que se chamava Vigia.

Entre os posseiros, tinha um que sabia construir canoas e ensinou para os outros. Eles faziam e conduziam manualmente até o córrego da Panela. Por esse córrego, eles conduziam até Vigia, que hoje é Almenara. O córrego Panela recebeu esse nome, porque tinha uma panela de pedra bem grande.

Nessa época, não existia energia aqui nessa região, a luz que existia era de candeia de cera. A cera era usada para fazer a candeia e o mel era utilizado no lugar do açúcar. As panelas eram de barro, não tinha alumínio nem louça. Nesse tempo, não havia recursos, nem acesso a médico. Tinham as parteiras, as benzedeiras e as raizeiras que usavam como remédios as raízes do mato.

Naquelas condições de vida, era necessário evoluir. Foi quando os posseiros foram chegando, aumentando a população e formando a comunidade. Com o crescimento, o Senhor Jeremias teve a felicidade de receber em sua humilde casa pela primeira vez um sacerdote por nome de João. Foi uma alegria enorme e a partir daí vieram outros padres e bispos visitar sua humilde casa.

O Senhor Jeremias era alfabetizado e com o tempo se tornou professor dos seus filhos e dos filhos das famílias da região. Ele viveu muito tempo nesta comunidade, ajudou muitas pessoas. Foi uma pessoa boa e conselheira. Morreu aos 95 anos, mas suas raízes continuam até hoje, seguindo seus ensinamentos e religião.

Essa foi a história do Senhor Jeremias narrada por sua neta

Ana Ferreira



Neta do Srº Jeremias Ana Ferreira.



Foto do Senhor Jeremias e da sua esposa Antônia

Relato de vida: recordações

Eu nasci e fui criada na minha pequena e querida comunidade São José do Paraguai, lugar onde criei os meus oito filhos e vivo até hoje com o meu esposo.

Na minha infância, enfrentei muitas dificuldades, pois aos sete anos de idade trabalhava como uma escrava. Levantava cedo para encher os potes de água e lavar as vasilhas no rio, pois naquele tempo não tinha água encanada. Depois, ia ajudar minha mãe a cuidar dos meus oito irmãos e meu pai a limpar as roças de mandioca. Aos dez anos de idade, eu já fazia farinha e buscava lenha na chapada.

Eu estudava na casa do meu avô Geremias, que me ensina a escrever o meu nome, o nome dos meus pais e o “ABC”, que era muito diferente do de hoje. Naquele tempo, não tínhamos canetas, então arrancávamos folhas de Pau Brasil e esfregávamos com as mãos dentro de uma vasilha com água até extrair uma tinta onde a gente mergulhava uma pena de ave e conseguia escrever.

Não tive oportunidades de brincar, pois meu pai não permitia e, se teimasse, me batia muito. Se bem me lembro, um dia cheguei à casa da minha prima e a vi com uma linda boneca de pano. Como não tinha nenhuma, fiz uma de sabugo de milho e a vesti com retalho que minha tia me deu. Quando cheguei em casa, levei uma tremenda surra. Que dureza era brincar naquela época!



Ana Lopes

Quando chegava a noite, até desanimava em ir dormir, porque a cama era feita com ripas de coqueiro e pedaços de couro. A gente não tinha colchão. De noite para iluminar a casa, usávamos uma candeia de cera de pinhão (planta que produz óleo), pois a nossa comunidade não possuía energia elétrica. E para ir até Jequitinhonha vender os mantimentos e fazer compras, tinha que ser através de animais, pois transporte naquela época era muito difícil. Médico então era mais difícil ainda. Quando alguém adoecia era curado com ervas medicinais e quando uma mulher dava ponto de parir era ajudada por parteiras, mulheres muito corajosas daquele tempo.

Ana Lopes

Minhas roupas eram feitas pela minha mãe: saias longas, vestidos compridos e blusas de mangas, que deixavam a gente muito bem vestida. Hoje em dia, ao ver essas mocinhas mostrando as coxas, eu me envergonho por elas. Casei-me com 24 anos de idade, mas não tive oportunidade de namorar antes do casamento, pois tinha muito receio dos meus pais e era uma filha muito obediente. Naquele tempo, o rapaz ficava na sala conversando com o pai da moça e ela ajudando a mãe nos afazeres domésticos. Era um namoro muito diferente. Não é igual os de hoje que vão se conhecendo e logo estão dormindo juntos, pintando e rebocando. O tempo foi passando e com ele vieram as transformações. Hoje, a minha comunidade tem muitos benefícios: escola, casas aconchegantes, água encanada, energia elétrica, médico uma vez por mês e o transporte passa todos os dias em frente à minha casa, nem dá trabalho para ir até a cidade. Foram-se os tempos difíceis e só restaram as recordações. Hoje, eu, Ana Ferreira, aos meus 80 anos de idade, me sinto uma pessoa realizada e muito feliz em tudo que conquistei neste lugar onde nasci, cresci e continuarei vivendo até quando Deus quiser.



Alunos do 8º ano, entrevistando Dona Ana.
Autora: Ketlyn Andrade Pinheiro, 13 anos.
Escola Municipal Boa Sorte 2.
Acampamento Amaralina.
Entrevistada: Ana Lopes, 80 anos.
Comunidade São José do Paraguai.

Meus dias de menina

Morro na comunidade Santa Luzia, a conhecida comunidade do Lima. Minha casa fica no alto da serra, estradas cheias de voltinhas. No alto da serra, eu vivo caminhando, mesmo menina, eu sinto muitas coisas e gosto do cheiro molhado da Serra do Lima, e de lá, vejo a chuva passando. Penso no rosto calejado de meus pais, a vida que vai passando. Esta é a chuva da vida que o tempo vai levando.

Tempo de amor, irmãos que vão para a cidade grande, saudade que sinto, é a neblina da chuva que vai passando. Gostosas, memoráveis tardes que se prolongavam até a lua aparecer, eu e meus irmãos brincávamos como se fôssemos o benzedor do tio José e da vó Florença.

Dentro daquelas regras ou rituais de curas, eu e meus irmãos brincávamos com a cana-de-macaco, chá caseiro, feito no fogo brando como bafo de panela. Quando as pessoas apareciam com fortes dores nos pés, eu brincava de ser vó Florença e proporcionava a cura com a desinchadeira. Esse ainda é o tempo da minha família. Primeiro, vamos ao benzedor, remédios caseiros e, no último caso, vamos para o médico.

Eta tempo bom! Esse tempo em que eu adorava dançar, jogar bola, fazer palhaçada, divertir, fazer amizades e escrever os meus poemas. Isso é o que me completa, escrever é viver novamente.

Debruçada na janela, vou e volto na montanha quantas vezes eu quiser. Agora que tenho sobrinhos e meus irmãos não voltam para o campo, vivo sonhando, idas e voltas para minhas histórias de família, de vida, de comunidade, de campo roça, de escola colorida.

Minha vida se enche de poderes que vem da serra. Deve ser a energia do mato, do sol, das minhas brincadeiras de meninas. E quando eu crescer nunca vou esquecer minhas lembranças de menina.



Helena Aparecida, 13 anos, 7º ano.
Escola Municipal Boa Sorte I.
Comunidade Santa Luzia.

Meu tempo inesquecível

Naqueles tempos, a vida era fácil, éramos felizes. Os divertimentos eram poucos, nossa vida simples e rica. Brincadeiras com sabugos de milho que se transformavam em carrinhos, barriga cheia, quintais cheios de galinhas e perus. Meninos e meninas pagavam a professora para ensinar e outros que viviam para a lavoura. Azeite que tinha nome de doutor, que pela fé de rezas e misturas, curava dor de barriga, febre e dores que a mulher sentia antes e depois do parto.

Meu tempo inesquecível, notícias ruins eram tão distantes de nós, a não ser José que bebeu muitas pingas na festa do compadre. Os dias passavam devagar e as noites de lua cheia, os nossos olhos ficavam verdes com o brilho do pasto e eu e Maria éramos felizes com as brincadeiras de roda das crianças.

Naqueles tempos, a vida na Comunidade Santa Luzia era tranquila, sem correrias, ouvindo os pássaros. Poderia ser ainda mais, se não fosse a invasão cada vez maior dos fonfons das buzinas, assustando as minhas criações depois da tecnologia que separou com o asfalto o meu buteco e a escola. Os meninos que riam nas brincadeiras de roda cresceram e foram rumo à nova estrada. Maria foi morar com Deus, e da minha porta sentada, fico pensando, tantas saudades, a alegria é outra, é como memória que brinca com o tempo, lembranças suficientes para encher o mundo.

Estudante: Luana Moreira Silva, 13 anos, 8º ano.

Escola Municipal Boa Sorte I.
Comunidade Córrego do Chicote



Vamos contar “causos”?

A coroa

Na comunidade Córrego Direito morreu um homem chamado Elito. Após quatro meses de seu falecimento, ele começou a aparecer para algumas pessoas e elas afirmavam que ele estava à procura de uma coroa. Almir Alves de Almeida e Maria dos anjos (moradores da comunidade) afirmam tê-lo visto. Eu, Noilza Rocha Sales, também tive a sensação que ele estava no meu quarto à noite. Me assustei e gritei muito. Ele era católico e sua família evangélica. Muitas pessoas chegaram a comentar porque ele não aparecia para sua família. Talvez por causa da religião. Assim que a família levou a coroa de flores artificial que ele mesmo tinha comprado e a colocou em cima do túmulo, ele nunca mais apareceu para ninguém. Acreditamos que ele descansa em paz, porque seu pedido foi realizado.

Contado e transcrito por Noilza Rocha Sales, estudante,
17 anos, 9º ano, Boa Sorte 2
Comunidade Córrego Direito.
Desenho: Robert Neves, 7º ano, Boa Sorte 2.

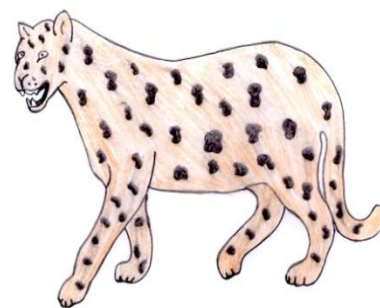


Robert Neves

A Onça

Dois amigos saíram para caçar como de costume. Um deles tinha o hábito de enfiar a cabeça em todas as locas de pedras (aberturas dentro das pedras), procurando animais. Nesse dia, ele não teve muita sorte, pois a boca que ele enfiou a cabeça era muito apertada e ele não conseguiu tirar. O amigo para tentar ajudá-lo resolveu gritar que vinha uma onça e disse: “Lá vem a onça compadre!” Ele forçou tanto para tirar a cabeça da boca de pedra que o couro ficou todinho lá dentro. O amigo quando viu aquela cena entrou em desespero e saiu correndo e até hoje não se tem ideia de onde ele foi parar.

Contado por Dorinalva de Carvalho.
Profissão : Agricultora. Comunidade Paraguai.
Transcrito por Romário F. da Silva, 18 anos, Boa Sorte 2
Desenho: Jéssica Rocha Lopes, 9º ano, Boa Sorte 2.



Jéssica Rocha Lopes

O Morcego

Certo camarada arrumou uma namorada e foi dormir na casa dela. Lá colocaram ele pra dormir numa rede, mas a rede tinha um buraco. O rapaz se enrolou todo na rede, pois dormia pelado. No outro dia, a dona da casa levantou bem cedo para fazer o café e viu uma coisa preta pendurada por fora da rede. Correu e disse para a namorada do cabra que tinha um morcego chupando o namorado dela. Ela levantou depressa e foi matar o morcego. Então soltou o macete nas partes de baixo do camarada e ele saiu correndo feito um louco. A partir desse dia, o lugar ficou conhecido pelo nome de Morcego.

Contado por Dely Lopes Filho.

Profissão: Agricultor. Comunidade Paraguai.

Transcrito por Samara F. de Oliveira, 17 anos.

Desenho: Tainá Teixeira, 8º ano, Boa Sorte 2



Tainá Teixeira

O Bicho da Rodagem

Um homem chamado Virgílio Almeida morreu atropelado perto de uma rodagem (estrada). As pessoas fizeram uma carneira (sepultura coberta com cimento) para ele, mas com o tempo a carneira rachou e ficava saindo uns cabelos pelas rachaduras. Com o passar do tempo, começou a aparecer um homem todo cabeludo e muito horrível pela estrada, assustando todos que passavam por ali. As pessoas lhe deram o nome de “Bicho da Rodagem”.

Contado por Ana Ferreira Lopes.

Profissão: Agricultora. Comunidade São José do Paraguai.

Transcrito por Juscimária Sousa Pereira, 17 anos.

Desenho: Carlos Roberto Neves, 6º ano, Boa Sorte 2



Cantinho de Poesias

Cidadania

Cidadania é o direito
De viver decentemente
De expressar suas ideias,
Viver em comunidade boa,
Ter moradia de gente
Conviver civilizadamente.

A cidadania é um caminho,
Por ele vamos caminhar!
Juntos lado a lado,
Nada de discriminar!
É um direito de todos
Pra viver bem e amar.

Todos juntos vamos nessa
Trabalhar pelas mudanças,
Nossa comunidade pode ser melhor,
A cidadania ainda é uma criança,
Nossa comunidade é de paz
Sua bandeira é a esperança.



Autora: Denise Sousa, 12 anos, 7º ano.
Escola Municipal Boa Sorte I.
Comunidade Rural Umburana.

Vivente de um Lugar

Lugar de muitos parentes
Onde há muita cultura
Sendo eu adolescente
Começo esta abertura.

No passado grandioso
Um povo diferente
Chegou a este repouso
Onde tudo se sente.

Surge a comunidade
Começando a existência
De um povo que deixou saudade
Com a história de sua essência.

Um conto de lembranças
Onde vira curiosidade
História que nos dá esperança
O começo da comunidade.

Eu com um sorriso
Vejo toda a grandeza
É um lugar majestoso
Onde não há tristeza.

Aqui se vê o céu estrelado
Passarinhos a voar
Onde se lembra do passado
Que devemos expressar.

Lugar de muita harmonia
Diferente natureza
Quem vive nesse lugar
Possui uma grande riqueza.

Faço agora a despedida
Aqui tenho liberdade
Pois ter uma linda vida
É ser vivente da comunidade.



Autora: Jéssica Rocha Lopes, 14 anos, 8º ano.
Escola Municipal Boa Sorte 2.
Comunidade São José do Paraguai.

Meu Aconchego

Amar, crer, sorrir e acreditar.
Naquilo que nos faz viver bem,

No lugar onde eu moro
Sem magoar ninguém.

È um lugar aconchegante.

Pequeno, uma beleza!
O povo daqui é feliz
E tem muita gentileza.

Tem rios e belas cachoeiras
Que para mim é um xodó,
Com o canto dos passarinhos
Eu jamais me sinto só.

Tem campos e várias flores
Muitas árvores especiais,
Saio sempre a passear
E brinco com os animais.

À noite observo estrelas
E a beleza do luar,



Autora: Yanne Maria Lopes
Porto, 12 anos. 6º ano. Escola
Municipal Boa Sorte 2.
Comunidade São José do Paraguai.

Terra Querida

Minha terra de Beleza
Vira palco do que quero
Só escrevo o que espero
De um lugar de tanta riqueza.

Beleza bem redimida
Atrás de olhar sofrido
De um povo querido
Que faz parte de uma vida.

É difícil não lembrar
Da minha doce terra
Onde via passarinho na serra
E alegria no olhar.

Hoje tudo aquilo se desfez
O povo escolheu a riqueza
Queria pão de sobra na mesa
Amizade não teve vez.

Mas foi tanta a ambição
De tudo que lá existe
Que os fizeram amar o grafite
E calar o coração.

Aqui estou eu nos meus versos
Do meu São Domingos distante
Lembrando tudo de antes
Com pensamentos impressos.

Espero um dia rever
Aquele lugar tão querido
Onde tinha tantos amigos
Que me viram ali crescer.



Autora: Adenilde Gomes, 15 anos, 9º ano.
Escola Municipal Boa Sorte 2.
Comunidade São Domingos
Aluna que reclama por ser obrigada a sair da sua
terra natal porque todas as pessoas dali venderam
suas terras para uma empresa de grafite.

Música Apresentada em Evento do PIBID DIVERSIDADE na Boa Sorte I

Mulher Rendeira

Olé, Mulher Rendeira,
Olé mulhé rendá
Tu me ensina a fazer renda,
eu te ensino a namorá.
Olé, Mulher Rendeira,
Olé mulhé rendá,
Tu me ensina a fazer renda,
Que eu te ensino a namorá.(2x)

Lampião desceu a serra
Deu um baile no Cajazeiras
Botou as moças donzelas
Pra cantar "mulher rendeira"

As moçá de Vila Bela
Não tem mais ocupação
Sé que fica na janela
Namorando Lampião

Olé, Mulher Rendeira,
Olé mulhé rendá,
Tu me ensina a fazer renda,
Que eu te ensino a namorar.

Olé, Mulher Rendeira,
Olé mulhé rendá,
Tu me ensina a fazer renda,
Que eu te ensino a namorar. Bis

Autoria: Zé do Norte

Caça-palavras

Ache as seguintes palavras:

1. Alimento usado para fazer sucos, sorvetes, saladas e doces.
2. Pessoas que compõem uma sala de aula, além do professor.
3. Fruta usada para fazer licor.
4. Sigla do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.
5. O nome desta comunidade localizada no município de Almenara é o contrario de vista ruim.
6. Árvore típica do nordeste brasileiro cujas sementes são medicinais.
7. Animais mamíferos, usados no esporte, no lazer e no trabalho.
8. Santa que deu nome a uma comunidade no município de Almenara.
9. Ave muito comum nos quintais tanto do campo quanto da cidade.
10. Cada uma acolhe várias famílias.
11. Galinhas que os acompanham morrem afogadas.
12. As pessoas tentam mantê-la fazendo uma boa alimentação.
13. Integrantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.
14. Fruto da limeira que deu nome a uma comunidade no município de Almenara.
15. Seu consumo é crucial para a saúde. No campo, muitas famílias procuram tê-las em suas hortas.
16. Conceito clássico que se relaciona às ideias de beleza, proporção e ordem.
17. Mestres da educação.
18. No campo, é o que tem.
19. Muito utilizadas para a cura.

F R U T A S A J S E T A M E N T O
A S E M L N T E S I O N P I B I D
C U M B U R A N A M A N D I O C A
A M O R N L E I T U R A Q V A C A
C H I C O T E P I N G O S D V E I
A V O U S O S A N T A L U Z I A F
V A C L C C I P O V L A G O S U A
A L O T P A T O S E I G O S T O B
L I M U N I A O A B N O V A A I O
O D U R A V E S Ú F H A H O R A L
S A N A L E R A D E A M A R E X S
V D I S P R O F E S S O R E S L I
A E D O E D U C A T E I M I C O S
L F A R T U R A D A N Ç O N O S T
O R D E M R U M O S A L N A L C A
R A E R V A S M E D I C I N A I S
O R I G E M A S E D U C A Ç A O Y

Respostas: 1. Frutas 2. Alunos 3. Jenipapo 4. PIBID 5. Boa Vista 6. Umburana 7. Cavalos 8. Santa Luzia 9. Galinhas 10. Comunidade 11. Patos 12. Saúde 13. Bolsistas 14. Lima 15. Verduras 16. Harmonia 17. Professores 18. Fartura 19. Ervas medicinais.

Festas e Eventos Regionais

Calendário (Sazonal) das festas comemoradas no Município de Almenara- MG que mobilizam o campo e a cidade

Festa da mandioca

Em meados de **08/09 de Junho** comemora-se a **Festa da Mandioca** na Cidade de Almenara/MG, momento em que se reúnem todas as comunidades para mostrar e comercializar os produtos oriundos do campo. Uma forma de agregar valor ao que é produzido pelas famílias do campo.



Festa de São João

23/24 de Junho comemora-se o dia de **São João**. Festa religiosa que reúne muitas pessoas que preferem sair da cidade para passar esse dia no campo onde as comemorações são regadas a muita comida e bebida típicas da região e as fogueiras e fogos de artifício são marcas desse período.

Festa de São Pedro Apóstolo

29 de Junho todas as comunidades se voltam para uma manifestação religiosa denominada **Missa em ação de graças à São Pedro Apóstolo**. Dizem que no local onde a missa acontece Próximo à cidade de Mata Verde, jaz um religioso cuja nomenclatura também é a mesma do Santo, e a região é conhecida como **Cova de Pedro**.

Expo Agro Almenara

Em meados de **27/28 de Julho** acontece a **Expo Agro Almenara** no parque de exposições da Cidade, que embora seu foco seja a exposição e leilões de gado de corte e leite, muitas pessoas vão para rever os amigos e prestigiar alguns artistas, tanto da região como outros de conhecimento nacional.



Festa de Nossa Senhora Aparecida

12 de Outubro a comunidade **São José do Paraguai** organiza uma festa religiosa em **Ação de graças a Nossa Senhora Aparecida**. Esse evento mobiliza a comunidade e as comunidades circunvizinhas, também as pessoas que estão na cidade fazem suas caminhadas em direção à comunidade em que acontece a festa.



Galeria de Fotos





Apoio:

